

Janaína Pinto

De partida

Resumo

De partida (título original, *Sac au dos*), novela de Joris-Karl Huysmans, versa sobre as peripécias de Eugène Lejantel, jovem burguês parisiense que se vê mergulhado na Guerra franco-prussiana, entre 1870 e 1871, malgrado sua oposição às políticas ministradas pelo imperador. A narrativa constrói-se a partir dos deslocamentos do personagem principal e narrador: pelas cidades e pelos hospitais por onde passa, Eugène testemunha com ironia e acidez os episódios quase burlescos vividos durante o conflito.

Palavras-chave: tradução literária; narrativa de guerra; século XIX; guerra franco-prussiana; deslocamentos; ironia

Résumé

Sac au dos, nouvelle de Joris-Karl Huysmans, porte sur les péripéties d'Eugène Lejantel, jeune garçon bourgeois parisien qui se trouve plongé dans la Guerre franco-prussienne, entre 1870 et 1871, malgré son opposition aux politiques de l'empereur. Le récit se constitue à partir des déplacements du personnage principal et narrateur : dans les villes et dans les hôpitaux où il passe, Eugène témoigne avec ironie et acidité à la fois les épisodes presque burlesques vécus pendant le conflit mentionné.

Mots-clés : traduction littéraire; récit de guerre; XIX siècle; guerre franco-prussienne; déplacements; ironie

Logo que terminara meus estudos, meus pais julgaram útil que eu comparecesse perante uma mesa coberta com uma toalha verde e sobreposta por bustos de velhos senhores ansiosos em saber se eu aprendera o bastante de língua morta para ser promovido ao grau de bacharel²²⁰.

A prova foi satisfatória. – Um jantar, em que toda a minha parentada foi convocada, celebrou meu sucesso, preocupou-se com meu futuro e resolveu, então, que eu estudaria o Direito.

Passei com dificuldade pelo primeiro exame e gastei o dinheiro de minhas matrículas de segundo ano²²¹ com uma loira que dizia ter afeição por mim, nas horas vagas.

Frequentei assiduamente o Quartier Latin onde aprendi muitas coisas, entre outras, a interessar-me por estudantes que despejavam, todas as noites, em seus chopos, suas ideias sobre política e, também, a saborear as obras de Georges Sand e Heine, de Edgard Quinet e Henri Mürger.

A puberdade da tolice invadira-me.

Isso durou um ano; eu amadurecia pouco a pouco, as disputas eleitorais do final do império eram-me indiferentes; não era filho de um senador, nem de um proscrito, restava-me apenas seguir, qualquer que fosse o regime, as tradições de mediocridade e de miséria desde muito adotadas por minha família.

O Direito não me agradava muito. Achava que as leis tinham sido mal redigidas com o intuito de fornecer a algumas pessoas a oportunidade de alterar, a perder de vista, sobre cada palavra; ainda hoje, parece-me que uma frase claramente escrita não pode comportar racionalmente interpretações tão diversas.

Questionava a mim mesmo, procurando um estado que pudesse abraçar sem excessivo desgosto, quando o falecido imperador forneceu-me um; fez-me soldado devido à inabilidade de sua política.

A guerra contra a Prússia eclodiu. A bem da verdade, não entendi os motivos que tornavam necessárias tais chacinas entre exércitos. Não aprovava nem a

* *Janaína Pinto Soares* – Professora da Aliança Francesa de Porto Alegre

²²⁰ No século XIX, para ser admitido nas faculdades de Direito, era necessário obter o grau de bacharel em Letras. A prova de admissão ao *baccalauréat* em Direito consistia em duas composições: uma em latim e outra em francês.

²²¹ O *baccalauréat* em Direito era obtido após dois anos de estudos. Eram três os níveis de estudo em cada faculdade: o *baccalauréat*, a *licence* e o *doctorat*. Entretanto, o grau de bacharel em Letras era pré-requisito para ingressar no *baccalauréat* em Direito.

necessidade de matar os outros, nem a de ser morto. Fosse como fosse, incorporado à Guarda Móvel do Sena, recebi a ordem, após conseguir roupas e coturnos, passar em uma barbearia e estar às sete horas da noite na caserna da rua de Lourcine.

Compareci pontualmente. Após a chamada, uma parte do regimento precipitou-se sobre as portas e lotou a rua. Então, a maré invadiu a via e os botequins ficaram cheios.

Comprimidos uns contra os outros, operários em avental, operárias em molambos, soldados espremidos e apolainados, sem armas, escandiam, com o tilintar dos copos, a *Marselhesa* esbaforindo-se a cantar fora do tom. Com um quepe de uma profundidade inacreditável, ornamentados com viseiras para cegos e insígnias tricolores em folha de flandres, meio fantasiados com uma jaqueta de um azul escuro com colarinho e adornos vermelho vivos, cobertos por uma calça azul de linho transpassada por uma faixa vermelha, os soldados do Sena uivavam antes de partir à conquista da Prússia. Era um alvoroço ensurdecador nas tabernas, uma barulheira de copos, de cantis, de gritos, entremeada pelo bater das janelas empurradas pelo vento. De repente, um rufar de tambor cobriu todos esses clamores. Uma nova coluna saía da caserna; foi então uma festança, uma farra indescritível. Os soldados que bebiam nos comércios lançaram-se para a rua, seguidos por pais e amigos que disputavam entre si a honra de carregar suas bolsas; as fileiras eram desfeitas, era um emaranhado de militares e de burgueses; mães choravam, pais mais calmos transpiravam vinho, crianças saltavam de alegria e berravam, com suas vozes agudas, canções patrióticas!

Atravessamos Paris em debandada, sob a luz dos relâmpagos que flagelavam com ziguezagues brancos as nuvens reviradas. O calor era sufocante, a bolsa estava pesada, bebíamos por todo canto. Chegamos, enfim, à estação de Aubervilliers. Houve um momento de silêncio interrompido por soluços, dominados ainda por uma golfada de *Marselhesa*, então, fomos empilhados feito gado nos vagões. “Boa noite, Júlio! Até logo! Tenha juízo! Escreva-me, sobretudo!” Cumprimentamo-nos pela última vez, o trem apitou, tínhamos partido da estação.

Éramos um amontoado de cinquenta homens dentro do caixote que nos conduzia. Alguns choravam copiosamente, vaiados por outros que, podres de bêbados, plantavam velas acesas no pão de munição e esgoelavam-se a plenos pulmões: “Abaixo

Badinguet e viva Rochefort!²²²". Distanciados em um canto, muitos olhavam, silenciosos e entediados, o assoalho que trepidava levantando poeira. De repente, o comboio faz uma pausa - desço. Plena madrugada - meia-noite e vinte e cinco minutos.

Por todos os lados, estendem-se campos e, ao longe, iluminadas pelas luzes intermitentes dos relâmpagos, uma casinha, uma árvore desenham a silhueta sobre um céu tempestuoso. Ouve-se apenas o retumbar da máquina cujas faíscas percorrendo canos espalham-se como um buquê de fogos de artifício ao longo do trem. Todo mundo desce, sobe novamente na locomotiva que cresce noite adentro e agiganta-se. A parada durou duas horas. Os discos sinalizavam o vermelho, o maquinista esperava que virassem. Eles voltaram para o branco; subimos mais uma vez nos vagões, mas um homem, que chegava correndo e balançava uma lanterna, disse algumas palavras ao condutor que logo após recuou até uma garagem onde retomamos nossa imobilidade. Não sabíamos, ninguém mesmo, onde estávamos. Desço de novo do vagão e, sentado sobre uma rampa, mordiscava um pedaço de pão e bebia algo, quando um estrondo de furacão soprou ao longe, aproximou-se, gritando e cuspiendo fogo, e um interminável trem de artilharia passou a todo vapor, transportando cavalos, homens, canhões cujos pescoços de bronze faiscavam em um tumulto de luzes. Cinco minutos depois retomamos nossa marcha lenta, interrompida por altas cada vez mais longas. O dia acaba raiando e, pendurado na porta do vagão, cansado pelos solavancos da noite, observo o campo que nos rodeia: uma fileira de planícies esbranquiçadas e, fechando o horizonte, uma lista de um verde pálido como aquele das turquesas doentes, uma região plana, triste, rala, a chamada Champanha estéril!

Pouco a pouco o sol começa a brilhar, continuávamos ainda na estrada; acabamos, porém, chegando! Tendo partido às oito horas da noite, estaríamos no dia seguinte às três horas da tarde em Châlons. Dois soldados haviam ficado pelo caminho, um se jogara do alto de um vagão em um rio, o outro quebrara a cabeça na beira de uma ponte. O resto, após pilhar os casebres e os jardins pela beira da estrada, nas paradas do trem, bocejava, com os lábios inflados de vinho e os olhos inchados, ou jogava, atirando uns nos outros, de um extremo a outro do vagão, galhos de arbustos e gaiolas com frangos roubados.

²²² Badinguet, apelido pejorativo dado ao imperador Napoleão III. Rochefort, jornalista e político à época do Segundo Império, opositor ao regime de Napoleão III.

O desembarque foi operado com a mesma ordem da partida. Nada pronto: nem refeitório, nem palha, nem agasalhos, nem armas, nada, absolutamente nada. Só barracas cheias de esterco e de piolhos, recém-abandonadas por tropas que partiram para a fronteira. Durante três dias, vivemos à sorte de Mourmelon, comendo uma salsicha um dia, bebendo uma caneca de café com leite no outro, explorados ao extremo pelos moradores, dormindo de qualquer jeito, sem palha e sem cobertor. Tudo isso não era feito para que tomássemos gosto pelo trabalho que nos infligiam.

Uma vez instaladas, as companhias cindiram-se; operários de um lado e burgueses de outro. A barraca onde me encontrava não estava mal composta porque tínhamos conseguido expulsar, a garrafadas, dois marmanjos cujo fedor dos pés agravava-se por uma falta de asseio prolongada e voluntária.

Um ou dois dias se passam; faziam-nos montar a guarda com estacas, bebíamos muita aguardente, e as espeluncas de Mourmelon estavam sempre cheias, quando de repente Canrobert passa-nos em revista na linha de bandeiras. Vejo-o ainda, montado num grande cavalo, curvado sobre a sela, cabelos ao vento, bigode encerado sobre um rosto pálido. Eclode uma revolta. Privados de tudo e pouco persuadidos por esse marechal de que nada nos faltava, berramos em coro, quando o tal falou em reprimir nossas queixas pela força: "Rataplâ! Cem mil homens mortos em Paris! Em Paris!".

Canrobert ficou lívido e esbravejou, plantando seu cavalo entre nós: "Curvem-se diante de um marechal da França!". Novas vaias partiram das fileiras; dando então de rédea, seguido por seu estado-maior em debandada, ele nos ameaçou, dedo em riste, bufando entre dentes cerrados: "Vocês me pagarão caro por isso, seus parisienses!".

Dois dias depois desse episódio, a água gélida do campo deixou-me tão doente que tive de dar entrada no hospital com urgência. Fecho minha bolsa após a visita do médico, e, vigiado por um caporal, lá vou eu mancando, puxando a perna e vestido até o pescoço. O hospital transbordava gente, dispensam-me. Sigo, então, para uma das ambulâncias mais próximas, restava um leito vazio, sou admitido. Abandono, enfim, minha bolsa, e esperando que o major aconselhe-me repouso, passeio por um pequeno jardim. De súbito, surge de uma porta um homem de barba arrepiada e olhos verde-mar. Ele enfia as mãos nos bolsos de uma longa túnica cor de noqueira e grita tão logo me vê:

- Ei! Homem! Mas que raios o senhor faz aqui?

Aproximo-me, explico-lhe o motivo. Ele gesticula e grita:

- Volte! O senhor somente terá o direito de passear pelo jardim quando lhe tiverem dado um uniforme.

Retorno à sala, um enfermeiro entra e traz-me um capote, uma calça, chinelas e uma touca. Observo-me assim fantasiado em meu espelho de bolso. Que cara e que roupas, Deus do céu! Cheio de olheiras e pálido, meu cabelo cortado muito rente e meu nariz cujas bossas brilham, com uma túnica grande cinza-rato, minha calça de um vermelho amarelado, minhas chinelas imensas e sem salto, minha touca gigantesca de algodão, estou extraordinariamente feio. Não consigo conter o riso. Viro a cabeça para o lado de meu vizinho de leito, um rapaz grande de tipo judeu, que rabisca meu retrato sobre um bloco de notas. Logo ficamos amigos; digo-lhe me chamar Eugène Lejantel, ele me responde Francis Émonot. Conhecemos um e outro, esse e aquele pintor, temos discussões de estética e esquecemos nossos infortúnios. A noite chega, distribuem um cozido salpicado de preto por algumas lentilhas, enchem nossos copos de vinho ralo e dispo-me, feliz por espichar-me sobre uma cama sem farda e botas.

Na manhã seguinte, sou acordado por volta das seis horas por batidas de portas e gritos. Sento-me na cama, esfrego os olhos e vejo o senhor da véspera, sempre vestido com sua túnica cor de noqueira, avançando imponente, seguido por um cortejo de enfermeiros. Era o major.

Mal havia entrado, ele passeia seus olhos de um verde pálido da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, enfia a mão no bolso e berra:

- Número 1, mostra tua perna... Tua perna suja. Ei! Esta perna vai mal, esta ferida está escorrendo como uma fonte; unguento, atadura, meia-ração, um bom chá de raiz-doce.

- Número 2, mostra tua garganta... Tua garganta suja. Essa garganta está cada vez pior; cortaremos amanhã as amígdalas dele.

- Mas doutor...

- Ei! Não estou a te pedir tua opinião; se disseres uma palavra, enfio-te na dieta.

- Mas afinal...

- O senhor meterá este homem na dieta. Anote aí: dieta, gargarejo, um bom chá de raiz-doce.

Foi assim que ele passou em revista os doentes, prescrevendo a todos, àqueles com doenças venéreas e aos feridos, febris e disentéricos, seu bom chá de raiz-doce.

Ele se postou diante de mim, olhou-me da cabeça aos pés, retirou minhas cobertas, encheu-me de murros na barriga, prescreveu-me água albuminada, o inevitável chá e saiu, relinchando e batendo os pés.

Era difícil a vida ao lado das pessoas que nos rodeavam. Éramos vinte e um na camarata. À minha esquerda, dormia meu amigo, o pintor; à direita, o raio dum clarim, esburacado feito um dedal e amarelado como um copo de bile. Acumulava duas profissões, sapateiro durante o dia e cafetão durante a noite. Era, no final das contas, um rapaz estrambótico, que gesticulava com a cabeça, com as mãos, contando-vos da maneira mais ingênua do mundo como impulsionava a sapatações o trabalho de suas meninas, ou entoando com uma voz emocionada canções sentimentais:

Guardei na minha tristeza-eza,
Apenas a amizade de uma andorinha!

Consegui conquistar suas graças ao dar-lhe vinte tostões para comprar uma garrafa de vinho, e fez-nos bem não ficar mal com ele, pois o resto da camarata, composta em parte de procuradores da rua Maubuée²²³, estava bem disposto a arranjar-nos uma briga.

Numa noite, entre outras, no dia 15 de agosto, Francis Émonot ameaçou esbofetear dois homens que lhe haviam roubado uma toalha. Que bela gritaria no dormitório. Choviam injúrias, éramos tratados de “borra-botas e de princesas”. Sendo dois contra dezenove, corríamos o risco de levar uma boa sova, quando o clarim interveio, separou os mais acalorados, acalmou-os e fê-los devolver o objeto roubado. Para festejar a reconciliação que seguiu essa cena, Francis e eu demos três francos cada um, e foi acordado que o clarim, com a ajuda de seus camaradas, encarregar-se-ia de deslizar para fora da ambulância e traria carne e vinho.

A luz desaparecera da janela do major, e o farmacêutico apagou enfim a sua; rastejamos para fora da moita, observamos os arredores, avisamos os homens que costeiam os muros, não encontram sentinelas pelo caminho, apoiam-se um no outro e saltam no campo. Uma hora depois estavam de volta carregados de provisões; eles nos repassam, retornam conosco ao dormitório; apagamos as duas lamparinas, acendemos

²²³ Rua Maubuée, em Paris, era frequentada por prostitutas no século XIX. Ao utilizar a expressão “procuradores da rua Maubuée”, o narrador se refere aos cafetões dessa rua.

tocos de velas sobre o chão e, em volta de minha cama, em mangas de camisa, formamos um círculo. Tínhamos bebido três ou quatro garrafas de vinho e cortado um bom pedaço de uma coxinha de carneiro, quando ouvimos passos; apago os tocos de vela a chineladas, todos se jogam embaixo das camas. A porta se abre, o major aparece, profere um belo palavrão, tropeça no escuro, sai e volta com uma lamparina e o inevitável cortejo de enfermeiros. Aproveito o intervalo para esconder as sobras do festejo; o major atravessa o dormitório a passo acelerado praguejando e ameaçando deter-nos e mandar todos para o xilindró.

Quase morremos de rir debaixo das cobertas; fanfarronices brotam no outro extremo do dormitório. O major coloca todos na dieta, vai embora e adverte-nos que logo veremos com quantos paus se faz uma canoa.

Tendo ele partido, às gargalhadas rimos em lances; rumores, risadas jorram, retumbam e estalam; o clarim planta estrelinha no dormitório, diante dele um de seus amigos imita-o, um terceiro pula sobre a cama saltitando como num trampolim e pula e salta, os braços ao vento, a camisa pelos ares; seu vizinho dá princípio a um câncã triunfal; o major retorna bruscamente, ordena a quatro soldados de infantaria de linha que o acompanham a prenderos dançarinos e anuncia-nos que vai redigir um relatório e enviá-lo às autoridades competentes.

A calma é enfim reestabelecida; no dia seguinte, pedimos aos enfermeiros que comprassem comida. Os dias passam sem mais incidentes. Começávamos a morrer de tédio na ambulância, quando um dia, às cinco horas, o médico entra na sala, ordena-nos a retomar nossas roupas de combate e a empunhar nossas mochilas.

Ficamos sabendo, dez minutos depois, que os prussianos marchavam em Châlons.

Um estupor morno reina na camarata. Até então não tínhamos a mínima ideia sobre o que estava acontecendo. Ficámos sabendo da famosíssima vitória de Sarrebrück, não esperávamos os reveses que nos acometiam. O major vistoria cada homem; nenhum vai bem, todo mundo ficou tempo demais à base do chá de raiz-doce e privado de cuidados. Entretanto, ele dispensa para suas corporações os menos doentes e manda os demais deitarem-se completamente vestidos e com a mochila pronta.

Francis e eu fazíamos parte do último grupo. Passa dia, passa noite, e nada, mas continuo sentindo cólica e sofrendo; finalmente, em torno das nove horas da manhã,

aparece uma longa fila de cestos trazidos por soldados do trem de manutenção. Subimos em dois nos cestos. Francis e eu fomos içados sobre a mesma mula, como o pintor era muito gordo e eu muito magro, o mecanismo balançou; fiquei pelos ares enquanto ele descia sobre a pança do animal que, puxado pelo focinho, empurrado pelas nádegas, esperneou e deu coices. Corríamos em um turbilhão de poeira, cegos, tontos, sacudidos, agarrando-nos à barra do cesto, fechando os olhos, rindo e gemendo. Chegamos a Châlons mais mortos do que vivos; desmoronamos como gado na areia, depois, fomos empilhados nos vagões e deixamos a cidade. Para onde?... Ninguém sabia.

Era madrugada; voávamos sobre os trilhos. Os doentes tinham saído dos vagões e passeavam nas plataformas. O trem apita, diminui seu voo e para em uma estação, a de Reims, suponho, mas eu não tinha como confirmar. Morríamos de fome, a Intendência esquecera uma única coisa: dar-nos pão para a viagem. Desço e avisto um restaurante da estação aberto. Corro até lá, mas outros me tinham ultrapassado. Quando cheguei, todos se engalfinhavam. Uns apoderavam-se de garrafas, outros de carnes, estes de pão, aqueles de charutos. Enlouquecido, furioso, o dono do restaurante defendia seu estabelecimento a golpes de jarro. Incentivada por seus colegas que vinham em bando, a primeira fileira dos guardas móveis joga-se sobre o balcão que acabou desmoronando e levou na queda o dono do restaurante e seus garçons. Foi, então, uma pilhagem regrada; tudo confiscado, dos fósforos aos palitos de dente. Nesse meio tempo, um sino bate e o trem parte. Ninguém repara, e, enquanto estou sentado no chão explicando ao pintor, que teve problema nos brônquios, a composição do soneto, o trem recua sobre os trilhos para buscar-nos.

Subimos em nossos compartimentos e passamos em revista o espólio conquistado. Na verdade, a comida era bem pouco variada: embutidos, nada além de embutidos! Tínhamos seis rodela de salsichas temperadas com alho, uma língua escarlate, dois salames, uma enorme posta de mortadela (uma fatia com borda prateada e a carne vermelho-escura marmorizada de branco), quatro litros de vinho, meia garrafa de conhaque e tocos de vela. Fixamos os tocos no bocal de nossos cantis que se balançaram, estes retidos nas paredes dos vagões por cordas. Por instantes, quando o trem saltava sobre as agulhas dos entroncamentos, era uma chuva de gotas quentes que se endureciam quase instantaneamente em placas largas, mas nossas roupas já tinham muitas dessas!

Começamos imediatamente a refeição que as idas e vindas dos soldados interrompiam, estes, correndo sobre os estribos ao longo do trem, vinham bater em nossa janela e pediam-nos algo para beber. Cantávamos até esgoelar-nos, bebíamos, brindávamos; nunca doentes fizeram tanto barulho e plantaram estrelinhas assim sobre um trem em marcha! Como um Pátio dos Milagres²²⁴ itinerante; os estropiados saltavam com os pés unidos, aqueles cujos intestinos queimavam irrigavam-nos a goles de conhaque, os caolhos abriam os olhos, os febris pulavam, os doentes da garganta gritavam e embriagavam-se, era incrível!

Essa turbulência termina, no entanto, por acalmar-se. Aproveito essa calma para dar uma espiadela. Não havia uma estrela, nem mesmo uma ponta de lua, o céu e a terra pareciam um só, e, com essa intensidade de uma tinta preta, piscavam, como olhos de cores diferentes, lanternas presas à tela dos discos. O maquinista emitia seus apitos, a máquina fumava e vomitava faíscas sem interrupção. Fecho o vidro da janela e observo meus companheiros. Uns roncavam; outros, incomodados pelos solavancos do compartimento, ressonavam e xingavam, remexendo-se sem parar, procurando um lugar para esticar as pernas, para ajeitar a cabeça que vacilava a cada solavanco.

De tanto que fiquei olhando para eles, começava a amolecer-me, quando a parada completa do trem acordou-me. Estávamos em uma estação, e o escritório do chefe flamejava como um fogo de forja na escuridão da noite. Eu tinha uma perna inchada, tremia de frio, desço para me aquecer um pouco. Passeio de ponta a ponta pela calçada, vou olhar a máquina que desmantelam e substituem por outra, e, percorrendo o escritório, escuto o sonar e o tique-taque do telégrafo. O funcionário, dando-me as costas, pendia um pouco para a direita, de sorte que, do ponto onde me encontrava, apenas enxergava a parte de trás de sua cabeça e a ponta de seu nariz, que, rosa e perolada, brilhava de suor, enquanto o resto do rosto desaparecia na sombra projetada pelo abajur de um candeeiro.

Convidam-me a subir novamente no vagão, e encontro meus colegas tal como os deixei. Dessa vez, adormeço a valer. Há quanto tempo eu dormia? Não sei, quando um grito me acorda: "Paris! Paris!". Precipito-me em direção à porta. Ao longe, sobre uma faixa de ouro pálida, destacam-se em preto as chaminés de fábricas e de usinas.

²²⁴ Pátio dos Milagres: assim se chamava o refúgio de mendigos, ladrões e malandros em grandes cidades da França; um lugar em que suas supostas enfermidades desapareciam como por milagre, uma vez dentro do seu abrigo.

Estávamos em Saint-Denis; a boa nova corre de vagão em vagão. Todo mundo fica de pé. A máquina acelera o passo. A Gare du Nord desenha-se ao longe, aportamos, descemos, atiramo-nos sobre as portas, uma parte consegue escapar, a outra é impedida pelos agentes ferroviários e pelos militares, fazem-nos voltar forçosamente ao trem que começa a soltar vapor, e lá vamos nós, Deus sabe para onde!

Mais uma vez viajamos durante o dia todo. Estou farto de olhar essas fileiras de casas e de árvores que se estendem diante dos meus olhos, além do mais continuo sentindo cólicas e sofrendo. Em torno das quatro horas da tarde, o trem diminui seu voo e para em uma plataforma onde nos aguardava um velho general em torno do qual se debatia um bando de jovens, vestidos de quepes rosa, com calças vermelhas e botas a esporas amarelas. O general passa-nos em revista e divide-nos em duas esquadras; uma parte ao seminário, a outra se dirige ao hospital. Parece que estamos em Arras. Francis e eu fazíamos parte da primeira esquadra. Somos içados em charretes repletas de palha e chegamos diante de um grande edifício pesado que parecia desmoronar na rua. Subimos ao segundo andar, em uma peça que contém por volta de trinta camas; cada um desfaz sua mochila, penteia-se e senta-se. Um médico chega.

- O que o senhor tem? Diz ele ao primeiro.

- Antraz.

- Ah! E o senhor?

- Disenteria.

- Ah! E o senhor?

- Íngua.

- Mas os senhores não foram feridos durante a guerra?

- Nem um pouco.

- Pois bem! Podem pegar suas mochilas. O arcebispo fornece as camas dos seminaristas apenas aos feridos.

Recoloco na minha bolsa os bibelôs que havia retirado e partimos novamente aos trancos e barrancos para o hospital da cidade. Não havia vaga. Em vão, as freiras esforçam-se para aproximar as camas de ferro, as salas estão cheias. Cansado de toda aquela lentidão, empunho um colchão, Francis pega outro, e esticamo-nos no jardim, sobre um enorme gramado.

Na manhã seguinte, converso com o diretor, um homem gentil e encantador. Peço-lhe a permissão para sairmos, o pintor e eu, pela cidade. Ele consente, a porta se

abre, estamos livres! Vamos almoçar finalmente! Comer carne de verdade, beber do bom vinho! Ah! Não hesitamos, vamos ao mais belo hotel da cidade. Servem-nos uma refeição succulenta. Há flores sobre a mesa, buquês de rosa magníficos e brincos-de-princesa que desabrocham nos vasos de vidro! O garçom traz-nos uma costela sangrando em um lago de manteiga; o sol junta-se à festa, faz reluzir os talheres e as lâminas das facas, peneira seu pó dourado através das jarras e, acariciando o vinho Pommard que se balança lentamente nas taças, mancha com uma estrela de sangue a toalha adamascada.

Ô santa alegria dos comilões! Tenho a boca cheia e Francis está bêbado! O aroma dos assados mistura-se ao perfume das flores, a púrpura dos vinhos compete com a vermelhidão das rosas; o garçom que ncs serve parece um idiota, e nós, uns glutões; mas pouco importa. Devoramos assados sobre assados, engolimos Bordô sobre Borgonha, licor sobre conhaque. Ao diabo as vinhaças e as aguardentes que bebemos desde nossa partida de Paris! Ao diabo estes ragus sem nome, estas gororobas desconhecidas de que fomos tão mal alimentados há pelo menos um mês! Estávamos irreconhecíveis; nossas caras de famintos estavam vermelhas como trôpegos, berrávamos com o nariz ao vento, caminhávamos sem rumo! Andamos assim por toda a cidade.

Anoitece, é preciso, no entanto, retornar! A freira que vigiava a sala dos velhos disse com sua vozinha aflautada:

“Militares, os senhores sentiram bastante frio na noite passada, mas vão ter uma boa cama.” E ela nos conduziu a uma sala grande onde três lamparinas mal acesas ornamentavam o teto. Fico com uma cama branca, enfio-me com prazer embaixo dos lençóis, que cheiram ainda à roupa recém-lavada. Ouve-se apenas a respiração ou o ronco dos dorminhocos. Sinto calor, meus olhos fecham, não sei mais onde estou, quando uma risada prolongada acorda-me. Abro um olho e percebo, aos meus pés, um indivíduo que me contempla. Sento-me na cama. Tenho diante de mim um velhote, comprido, seco, o olho esgazeado, os lábios babando sobre uma barba por fazer. Pergunto-lhe o que quer de mim. Nenhuma resposta. Grito então: “Vá embora, deixe-me dormir!”

Então mostra-me os punhos. Desconfio que seja um louco; enrosco uma toalha e, sorratamente, faço um nó na ponta! Ele dá um passo, salto sobre o parquet, desvio do soco e envio em revide, sobre o olho esquerdo, um golpe de toalha com toda a

força. O sujeito vê estrelas, joga-se sobre mim; recuo e enfio-lhe um vigoroso pontapé na barriga. Ele cai com as pernas para o ar e leva consigo uma cadeira: o dormitório é acordado; Francis, em mangas de camisa, corre para me prestar socorro, a freira chega, os enfermeiros lançam-se sobre o louco, golpeiam-no e conseguem a duras penas deitá-lo novamente.

O aspecto do dormitório era extremamente cômico. Sob as luzes de um rosa vago que as lamparinas moribundas propagavam em torno delas, sucedera o flamejar de três lanternas. O teto preto com seus círculos de luz, que dançavam acima das mechas em combustão, cintilava agora com suas nuanças de reboco de gesso fresco. Os doentes, uma reunião de fantoches velhucos, tinham empunhado o pedaço de madeira que pendia acima de suas camas na ponta de uma corda, agarravam-se a ele com uma mão e, com a outra, faziam gestos aterrorizantes. A essa visão, minha irritação diminui, morro de rir, o pintor abafa o riso, somente a freira mantém-se séria e consegue, abaixo de ameaças e de preces, reestabelecer a ordem dentro da camarata.

A noite termina aos trancos e barrancos; de manhã, às seis horas, um rufar de tambor reúne-nos, o diretor faz a chamada dos homens. Partimos para Rouen.

Na nossa chegada, um oficial disse ao pobre homem que nos conduzia que o abrigo estava lotado e não nos podia alojar. Temos uma hora de pausa nesse meio tempo. Jogo minha mochila em um canto da estação, e mesmo com minha barriga roncando, lá vamos nós, Francis e eu, rumo à aventura, em êxtase diante da igreja de Saint-Ouen, surpresos diante das casas antigas. E tanto admiramos que a hora já tinha passado há muito, antes mesmo que tivéssemos pensado em voltar para a estação.

“Faz um bom tempo que os colegas de vocês foram embora”, disse um agente ferroviário; “eles estão em Évreux!”.

Diabos! O primeiro trem parte só às nove horas. - Vamos jantar! - Quando chegamos em Évreux, já era madrugada. Não podíamos apresentar-nos a uma hora daquelas no abrigo, seríamos tomados por malfeitores. A noite estava maravilhosa, atravessamos a cidade e encontramos-nos em campo aberto. Era a época de fenação, havia feixes de feno aos montes. Avistamos um pequeno palheiro em um campo, enterramos nele dois nichos confortáveis e não sei se foi o odor agitado de nossa cama ou o perfume penetrante das madeiras que nos emocionaram, mas sentimos a necessidade de falar de nossos amores mortos. O tema era inesgotável! Pouco a pouco, entretanto, as palavras tornaram-se mais escassas, os entusiasmos enfraqueceram-se,

adormecemos. “Que diabo!” grita meu vizinho ao espreguiçar-se, “que horas serão?” Acordo. O sol não vai demorar a se levantar, pois a grande cortina azul enfeita-se ao horizonte de franjas rosa. Que miséria! Vamos ter de bater à porta do abrigo, dormir em salas impregnadas desse fedor sobre o qual surge, como um refrão obstinado, a acre flor do iodofórmio em pó!

Retomamos completamente tristes o caminho do hospital. Abrem a porta, mas, infelizmente, apenas um de nós é admitido, Francis - e sou enviado ao liceu.

Não era mais possível viver, meditava uma fuga, quando um dia o médico residente desce ao pátio. Mostro-lhe minha carteira de estudante de Direito; ele conhece Paris, o Quartier Latin. Explico-lhe minha situação. “É imperativo que”, digo-lhe, “Francis venha para o liceu ou que eu vá para o hospital”. À noite, após pensar bem, aproximando-se de minha cama, sussurra tais palavras em meu ouvido: “Diga, amanhã de manhã, que o senhor está sofrendo bastante”. No dia seguinte, em torno das sete horas, o médico faz sua entrada como de costume; um bravo e excelente homem que tinha somente dois defeitos: o fedor dos dentes e a vontade de se livrar dos enfermos custe o que custar. Durante todas as manhãs, acontecia a seguinte cena:

“Ah! Ah! Galhardo,” gritava ele, “mas que boa aparência! Bela pele, sem febre; levante-se e vá tomar uma boa xícara de café; mas sem bobagens, o senhor sabe, não corra atrás de saias; vou assinar sua dispensa, o senhor encontrará amanhã seu regimento”.

Doentes ou não, ele dispensava três por dia. Naquela manhã, parou diante de mim e disse:

“Ah! Meu Deus, meu rapaz, o senhor está com uma aparência melhor!”

Revolto-me, nunca sofri tanto! Apalpa minha barriga. “Mas está melhorando”, murmura, “a barriga está menos enrijecida.” - Protesto. - Ele parece surpreso, o residente diz-lhe baixinho: “Seria preciso, talvez, aplicar-lhe uma lavagem intestinal, e não temos aqui nem seringa, nem irrigador; e se nós o mandássemos ao hospital?”.

- Olha, é uma boa ideia, disse o bravo homem, encantado por se livrar de mim e, no mesmo instante, assinou meu formulário de admissão; fecho, radiante, minha mochila e, vigiado por um servente do liceu, dou minha entrada no hospital. Encontro Francis! Por uma sorte inacreditável, o corredor Saint-Vincent, onde ele dorme, tem, por falta de vaga nas salas, uma cama vazia próxima à sua! Finalmente estamos juntos! Além de nossas duas camas, cinco macas costeiam, em fila indiana, as paredes pintadas de

amarelo. Elas têm como moradores um soldado de infantaria de linha, dois artilheiros, um dragão e um hussardo. O resto do hospital é composto por alguns velhos birutas e gagás, alguns jovens, raquíticos ou mancos, e um grande número de soldados, farrapos do exército de Mac-Mahon, que, após rolar de ambulância em ambulância, tinham vindo encalhar nessa margem. Francis e eu somos os únicos a carregar o uniforme da Guarda Móvel do Sena; nossos vizinhos de quarto eram rapazes um tanto gentis, uns mais insignificantes que outros, a bem dizer; eram, na maior parte, filhos de camponeses ou de agricultores convocados para o serviço militar quando da declaração de guerra.

Enquanto retiro meu casaco, chega uma freira, tão frágil, tão linda, que não paro de observá-la; belos e grandes olhos! Longos cílios loiros! Bonitos dentes! - Ela me pergunta por que saí do liceu; explico-lhe, com frases obscuras, como a falta de uma bomba compressora provocou minha dispensa da escola. Sorrindo delicadamente diz:

“Ô! O senhor poderia ter chamado a coisa pelo seu devido nome, estamos habituadas a tudo.”

Acredito mesmo que devia estar habituada a tudo, a coitada, pois os soldados não se incomodavam nem um pouco em expor-se com uma sinceridade indiscreta diante dela. Nunca, aliás, eu a vi ruborizar; passava entre eles, muda, os olhos abaixados, parecia não escutar os grosseiros gracejos que eram ditos à sua volta.

Deus! Como me mimou! Vejo-a ainda avançar lentamente, pela manhã, enquanto o sol quebrava sobre os ladrilhos a sombra das grades das janelas, ao fundo do corredor, as grandes asas de seu chapéu que batiam em seu rosto. Aproximava-se de minha cama com um prato fumegante e sobre a borda do qual reluzia sua unha bem feita. “A sopa está um pouco rala nesta manhã”, dizia com seu lindo sorriso, “trago chocolate para o senhor; coma rápido enquanto está quente!”.

Apesar dos cuidados que me destinava, entediava-me até a morte naquele hospital. Meu amigo e eu havíamos chegado àquele grau de embrutecimento como quem se joga na cama, testando-se, com uma sonolência de animal, a matar as longas horas dos insuportáveis dias. As únicas distrações que nos foram oferecidas consistiam em um almoço e um jantar, constituídos por cozido de carne, melancia, ameixas-secas e um dedo de vinho, tudo em quantidade insuficiente para alimentar um homem.

Graças às minhas boas maneiras e aos receituários que eu escrevia para as freiras, obtinha felizmente uma costeleta de vez em quando e uma pera colhida no pomar do hospital. Em suma, de todos os soldados empilhados nas salas, era o que menos tinha

a reclamar, mas, nos primeiros dias, não conseguia nem mesmo devorar meu rango pela manhã. Era a hora da visita, e o doutor escolhia justo aquele momento para fazer suas operações. No segundo dia, depois da minha chegada, ele abriu uma coxa de cima a baixo; ouvi um grito dilacerante; fechei os olhos, não o bastante, porém, para deixar de ver uma chuva vermelha espalhar-se em gotas grandes sobre seu jaleco. Naquela manhã, não pude comer. Pouco a pouco, contudo, acabei por aguerrir-me; logo me limitei a virar a cabeça para o lado e preservar minha sopa.

Enquanto isso, a situação tornava-se intolerável. Havíamos tentado, mas em vão, adquirir jornais e livros; estávamos reduzidos a fantasiar-nos, a vestir, para dar risadas, o casaco do hussardo; mas essa alegria pueril apagava-se rapidamente e espreguiçávamo-nos, a cada vinte minutos, trocando algumas palavras, enfiando a cabeça no travesseiro.

Não havia grande conversação a tirar de nossos colegas. Os dois artilheiros e o hussardo estavam muito doentes para falar. O dragão só praguejava, levantava-se toda hora, enrolado em seu grande casacão branco e ia às latrinas das quais ele trazia o excremento espalhado por seus pés descalços. Faltavam penicos no hospital; alguns dos mais enfermos tinham, entretanto, sob suas camas uma panela velha, que os convalescentes expunham como cozinheiras oferecendo, por brincadeira, o ragu às irmãs.

Restava, então, somente o soldado de linha: um coitado de um jovem merceeiro, pai de um filho, convocado para o serviço militar, constantemente febril, tiritando sob as cobertas.

Sentados com as pernas entrelaçadas em nossas camas, escutávamo-lo contar a batalha em que ele fora encontrado.

Arremessado próximo de Fröeschwiller, em uma planície envolta por um bosque, ele vira avançar luzes vermelhas em buquês de fumaça branca e abaixara a cabeça, trêmulo, atordoado pela rajada de canhões, assombrado pelo soprar das balas. Caminhara, misturado aos regimentos, pela terra pesada, sem ver prussiano algum, sem saber onde se encontrava, escutando por todos os lados gemidos entrecortados por gritos breves; as fileiras dos soldados posicionados a sua frente, de repente, bateram em retirada e, no atropelo da fuga, fora arremessado ao chão sem saber como. Levantara-se novamente, salvara-se abandonando seu fuzil e sua mochila e, ao final, esgotado pelas marchas forçadas depois de oito dias, extenuado pelo medo e enfraquecido pela

fome, sentara-se em uma fossa. Ficara lá, fraco, inerte, ensurdecido pelo estrondo das bombas, decidido a não mais se defender, a não mais se mexer; sonhara, então, com sua mulher e perguntava-se aos prantos o que cometera para que lhe fizessem sofrer tanto, pegara, sem saber por que, uma folha de árvore que ele guardara, carregava consigo e mostrava-nos com frequência, seca e murcha no fundo do bolso.

Um oficial passara, nesse meio tempo, com o revolver empunhado, chamando-o de covarde e ameaçando arrebentar-lhe a cara se não caminhasse. Ele dissera: "Prefiro ficar aqui, ah! Que isso termine!" Mas o oficial, no momento em que o sacudia para recompô-lo, fora abatido, jorrando sangue pela nuca. Então, tomado pelo medo, fugiu e conseguiu chegar a uma estrada longínqua, inundada de fujões, borrada de militares, atravessada por atrelagens de cavalos que furavam e esmagavam as fileiras.

Tinham, enfim, conseguido se proteger. O grito de traição crescia dentro dos grupos. Soldados mais antigos pareciam ainda decididos, mas os recrutas recusavam-se a continuar. "Que se deixem morrer", diziam designando os oficiais, "é a profissão deles". "Tenho filhos; se eu morro, o Estado não vai alimentá-los!" E invejavam a sorte daqueles meio feridos e dos doentes que podiam se refugiar nos hospitais.

"Ah! Como temos medo e guardamos a voz daqueles que clamam pela mãe e pedem por água", acrescentava arrepiado. Ele se calava e, olhando o corredor, um tanto alegre, retomava: "Pouco importa, estou muito feliz de estar aqui; além do mais, assim minha esposa pode me escrever", e retirava cartas de sua calça, dizendo com satisfação: "O menino escreveu, vejam", e mostrava ao pé de página, com a caligrafia sofrível de sua mulher, paus formando uma frase ditada em que havia uns "Beijos para o papai" em borrões de tinta.

Escutamos pelo menos vinte vezes essa história e tivemos de aguentar, durante horas mortais, a ladainha desse homem encantado em possuir um filho. Acabávamos por tapar os ouvidos com as mãos e tentar dormir para não mais escutá-lo.

Essa vida deplorável ameaçava prolongar-se, quando numa manhã, Francis que, contrariamente ao seu costume, rondara o pátio o dia inteiro na véspera, diz-me: "Ei! Eugène! Vem respirar um pouco o ar dos campos?" Fico de orelha em pé. "Há um pátio interno destinado aos loucos", continua ele; "esse pátio fica vazio; escalando sobre o telhado das celas para malucos, o que é fácil, atingimos a ponta do muro, saltamos e caímos no campo". "A dois passos desse muro abre-se uma das portas de Évreux. O que tu achas?"

- Acho... acho que estou bem-disposto a sair, mas como faremos para voltar?

- Sei lá; partimos primeiro, depois decidimos. Levanta-te, vão servir a sopa, depois pulamos o muro.

Levanto-me. Faltava água no hospital, de sorte que só restava lavar meu rosto com a água gasosa que a freira me tinha fornecido. Pego meu sifão, miro o pintor que grita fogo, aperto o gatilho, a descarga atinge-lhe bem no rosto; posiciono-me, por minha vez, diante dele, recebo um jato na barba, esfrego o nariz com a espuma, enxugo-me. Estamos prontos, descemos. O pátio está deserto; escalamos o muro. Francis dá um impulso e pula. Monto em cima do muro, dou uma olhada rápida em minha volta; embaixo, fossa e gramado; à direita, uma das portas da cidade; ao longe, um bosque que ondula e levanta seus relevos de ouro vermelho sobre uma fileira de azul pálido. Estou de pé; ouço um barulho no pátio, salto; costeamos as muralhas, estamos em Évreux!

- Que tal comeremos?

- Certo!

Durante o trajeto, à procura de uma pousada, percebemos duas moças rebolando na rua; seguimo-las e oferecemos-lhes um almoço; recusam; insistimos, elas respondem que não molemente; insistimos de novo, elas dizem sim. Vamos até a casa delas, com um patê, garrafas de vinho, ovos, um frango frio. Achamos engraçado encontrarmo-nos em um quarto claro, recoberto de papel estampado com lilases e folhado de verde; nas janelas, as cortinas são de tecido damasco groselha, um espelho sobre a chaminé, uma gravura representando um Cristo molestado por Fariseus, seis cadeiras em cerejeira, uma mesa redonda coberta com uma toalha engomada mostrando os reis da França, uma cama provida de uma coberta de percal rosa. Com um olhar cobiçador, observamos as moças que nos rodeiam enquanto pomos a mesa; demoramos a fazê-lo pois as interceptamos no meio da passagem para beijá-las; são feias e burras, aliás. Mas qual é o problema? Faz tanto tempo que não farejamos a boca de uma mulher!

Corto o frango, as rolhas saltam, bebemos como poetas e devoramos como ogros. O café fumeja nas xícaras e douramo-lo com conhaque; minha tristeza levanta voo, o ponche flameja, as chamas azuis do kirsch flutuam na saladeira que estala, as meninas se divertem, os cabelos nos olhos e os seios esquadrinhados; de repente, quatro badaladas tocam lentamente no relógio da igreja. São quatro horas. E o hospital,

meu Deus! Tínhamos esquecido! Fico pálido, Francis olha-me apavorado, desvencilharmo-nos dos braços de nossas anfitriãs, saímos o mais rápido possível.

“Como entraremos?”, diz o pintor.

- Infelizmente, não temos escolha! A duras penas chegaremos para a hora da sopa. Por favor, pelo amor de Deus, entremos pela porta principal!

Chegamos, tocamos a campainha; a freira da portaria abre a porta e fica atônita. Cumprimos-a e falo alto o bastante para ser ouvido:

“Sabes que eles não são amáveis na Intendência, o gordo, sobretudo, recebeu-nos não tão educadamente...”

A irmã não dá um pio; corremos a galope em direção ao dormitório; já era tempo, escutava a voz da irmã Angèle distribuindo as rações.

Deito-me o mais depressa possível em minha cama, escondo com a mão um chupão que minha bela imprimiu ao longo do meu pescoço; a freira observa-me, acha em meus olhos um brilho fora do comum e diz com interesse:

“O senhor está sentindo mais dor?”

Tranquillizo-a e respondo-lhe:

“Ao contrário, estou melhor, querida irmã, mas essa ociosidade e esse aprisionamento me matam.”

Quando eu lhe expressava o tédio pavoroso que sentia, perdido naquela tropa, nos confins de uma província, longe dos meus, ela não respondia, mas seus lábios cerravam-se, seus olhos tomavam uma indefinível expressão de melancolia e de piedade. Um dia, contudo, dissera em tom seco: “Ô! A liberdade não lhe valeria nada”, fazendo alusão a uma conversa que tinha surpreendido entre mim e Francis, discutindo sobre os alegres atrativos das parisienses; em seguida, acalmara-se e acrescentara com seu beicinho encantador:

“Os senhores não são sérios mesmo, seus militares.”

Na manhã seguinte, combinamos, o pintor e eu, que, devorada a sopa, escalaríamos de novo os muros. Na hora marcada, rondamos pelo pátio, a porta estava fechada! “Basta, pouco importa!”, diz Francis, “avante!”, e ele se dirige para a porta principal do hospital. Sigo-o. A freira-sentinela pergunta para onde vamos. “À Intendência.” A porta abre-se, estávamos no lado de fora.

Quando chegamos à grande praça da cidade, em frente à igreja, avisto, enquanto contemplamos as esculturas do pórtico, um senhor gordo, com um rosto de

lua vermelha, espetado por bigodes brancos, que nos olhava com surpresa. Encaramo-lo com atrevimento e seguimos nosso caminho. Francis estava morrendo de sede, entramos num café, e, degustando meu cafezinho, dou uma olhada no jornal da região e encontro um nome que me remete a algo. Não conhecia, para dizer a verdade, a pessoa que o carregava, mas aquele nome me fazia evocar lembranças apagadas há muito. Recordava que um dos meus amigos tinha um parente em posição de destaque na cidade de Évreux. “É expressamente necessário que eu o veja”, digo ao pintor; pergunto seu endereço ao dono do estabelecimento, ele não sabe; saio dali e entro em todas as padarias e farmácias que encontro pela frente. Todos comem pão e bebem poções; é impossível que nenhum desses patrões saiba o endereço do senhor de Fréchède. Consigo achá-lo finalmente; tiro o pó do meu dólmã, compro uma gravata preta, luvas e vou bater gentilmente à rua Chartraine, à grade de uma mansão que volta sua fachada de tijolo e seus telhados em ardósia para o emaranhado ensolarado de um parque. Um criado convidou-me a entrar. O senhor de Fréchède não estava, mas sua esposa, sim. Aguardo alguns segundos em uma sala; a porta abre-se e uma velha dama surge. Tem o semblante tão afável que me tranquilizo. Explico-lhe, em poucas palavras, quem sou.

“Senhor”, diz ela com um sorriso bondoso, “muito ouvi falar de sua família; acredito, aliás, ter visto sua mãe na casa da senhora Lezant, quando de minha última viagem a Paris; seja bem-vindo”.

Conversamos longamente; eu, um pouco desconfortável, escondendo com meu quepe o chupão no meu pescoço; já ela procura me fazer aceitar dinheiro que acabo recusando.

“Vejamos”, diz ela enfim, “desejo, de todo o meu coração, ser-lhe útil; que posso fazer?” Ao que lhe respondo: “Meu Deus! Se a senhora pudesse conseguir que me enviassem para Paris, far-me-ia um grande favor; as grandes comunicações vão ser futuramente interceptadas, se os jornais estiverem corretos; fala-se de um novo golpe de Estado ou da derrubada do Império; preciso muito encontrar minha mãe e, sobretudo, não me tornar prisioneiro, se os prussianos aqui chegarem”.

Nesse meio tempo, entra o senhor de Fréchède. Ele é posto a par da situação em duas palavras.

“Se o senhor quiser acompanhar-me ao médico do hospital”, diz ele, “não temos tempo a perder”.

Ao médico! Bom Deus! E como explicar minha saída? Não ousou dar um pio; sigo meu protetor, perguntando-me como tudo aquilo ia terminar. Quando chegamos, o doutor olhou-me com um ar estupefato. Não lhe deixo o tempo de abrir a boca, e nele despejo, com uma prodigiosa loquacidade, um rosário de lamentações sobre minha triste posição.

Senhor de Fréchède toma, por sua vez, a palavra e pede-lhe, em meu favor, uma licença de convalescência de dois meses.

“O soldado está realmente doente o bastante”, diz o médico, “para ter direito a dois meses de repouso; se meus colegas e se o general compartilharem meu ponto de vista, seu protegido poderá, em poucos dias, retornar para Paris”.

- Está bem, replica o senhor de Fréchède; eu lhe agradeço, doutor; falarei nesta mesma noite com o general.

Estamos na rua, suspiro aliviado, cumprimento o excelente homem que gentilmente se interessa por mim, corro à procura de Francis. Temos apenas o tempo de entrar, chegamos aos portões do hospital; Francis toca a campainha, saúdo a freira. Ela me segura:

“O senhor não me disse, essa manhã, que ia à Intendência?”

- Mas com certeza, irmã.

- Pois então! O general acaba de sair. Vá ver o diretor e a irmã Angèle, eles o aguardam; sem dúvida o senhor explicar-lhes-á o objetivo de suas visitas à Intendência.

Subimos, bem envergonhados, a escada do dormitório. Encontro a irmã Angèle que me aguarda e diz:

“Eu jamais teria acreditado em uma coisa dessas; os senhores percorreram toda a cidade, ontem e hoje, e Deus sabe a vida que levaram!”

“Ora! Essa agora!”, exaltei-me.

Ela me olhou tão fixamente que eu não disse mais uma única palavra.

- O fato é que, continuou ela, o general encontrou-os hoje mesmo na grande praça da cidade. Neguei que tivessem saído, e procurei-os por todo o hospital. O general tinha razão, os senhores não estavam aqui. Ele me pediu seus nomes; dei um apenas, recusei-me a dizer o outro, e errei certamente, pois não mereciam!

“Oh! O quanto lhe agradeço, irmã...” Mas ela não me escutava, estava indignada com minha conduta! Eu tinha apenas uma coisa a fazer, calar-me e levar a saraivada sem mesmo tentar me proteger. Enquanto isso, Francis era chamado à sala do diretor, e

como, não sei por que, suspeitavam de levar-me para o mau caminho, e estava, aliás, por causa de suas troças, em maus lençóis com o diretor e as freiras, foi-lhe anunciado que partiria, no dia seguinte, para juntar-se ao seu grupo.

“As mulheres desprezíveis com as quais almoçamos são prostitutas que nos venderam”, afirmava ele, furioso. “Foi o próprio diretor que me disse.”

Enquanto amaldiçoávamos aquelas mulheres de vida fácil e deplorávamos nosso uniforme que nos denunciava tão facilmente, diziam pelos corredores que haviam aprisionado o Imperador e proclamado a República em Paris; dei um franco a um velho que podia sair e ele trouxe um número do *Gaulois*. A notícia é verdadeira. O hospital exulta. “Abatido Badingue²²⁵! Não é tão cedo assim, até que enfim a guerra terminou!” Na manhã seguinte, Francis e eu nos abraçamos, e ele partiu. “Até mais”, ele grita ao fechar a grade, “e a gente se encontra em Paris!”

Oh! Os dias que se seguiram! Quanto sofrimento! Quanto abandono! Impossível sair do hospital; uma sentinela passeava, em minha honra, de ponta a ponta, diante da porta. Tive a ideia de não me enfiar a dormir; passeava pelo pátio interno como um animal na gaiola. Ficava rondando assim durante doze horas. Conhecia minha prisão nos seus mínimos detalhes. Sabia onde davam as parietárias e os musgos, em quais os lados das muralhas envergavam-se rachando. Veio-me o desgosto por meu corredor, minha cama achatada como uma panqueca, meu penico, minha roupa podre de imundície. Vivia isolado sem falar com ninguém, chutando as pedras do pátio, vagando como uma alma penada sob as arcadas mal pintadas de ocre amarelo assim como as salas, retornando à grade de entrada coberta por uma bandeira, subindo ao primeiro andar onde estava o meu leito, descendo ao rés do chão onde a cozinha reluzia, colocando as luzes de seu cobre vermelho na nudez pálida da peça. Corroía-me de impaciência, olhando, certas horas, as idas e vindas dos civis e dos soldados misturados, passando e repassando por todos os andares, enchendo as galerias com sua marcha lenta.

Não tinha mais força para desvencilhar-me das perseguições das freiras, que nos encarceravam aos domingos na capela. Virei monomaníaco; uma ideia fixa perseguia-me: fugir o mais depressa possível daquela lamentável cela. Também, problemas com dinheiro oprimiam-me. Minha mãe tinha enviado cem francos para Dunkerque, onde,

²²⁵ Badinguet

ao que parece, eu deveria estar. Esse dinheiro não aparecia. Vi o momento em que não teria mais um tostão para comprar tabaco ou papel.

Enquanto isso, os dias passavam. Os de Fréchède pareciam ter-me esquecido e atribuía seu silêncio a minhas escapadas, das quais ficaram sabendo provavelmente. A todas essas angústias, logo vieram se juntar horríveis dores: mal curadas e agravadas pelas fugidas que dera, minhas entranhas queimavam. Sofri tanto que cheguei a temer não mais poder aguentar a viagem. Escondia meu sofrimento, receando que o médico forçasse minha estada por mais tempo no hospital. Fiquei de cama alguns dias; depois disso, como sentia minhas forças diminuírem, quis levantar-me mesmo assim e desci ao pátio. Irmã Angèle não falava mais comigo, e, à noite, quando ela fazia sua ronda nos corredores e nas camaratas, desviando para não ver as luzes dos cachimbos que cintilavam no escuro, ela passava a minha frente, indiferente, fria, evitando o olhar.

Durante uma manhã, entretanto, como me arrastava no pátio e desabava em todos os bancos, ela me viu tão desfigurado, tão pálido, que não pode se furtar de um movimento de compaixão. À noite, depois que ela terminara sua visita aos dormitórios, eu me apoiava sobre meu travesseiro e, com os olhos abertos, olhava os rastros azulados que a lua emitia pelas janelas do corredor, quando a porta do fundo abriu-se de novo, e percebi dirigindo-se a mim, ora banhada por vapores prateados, ora sombria, como vestida com um crepe negro, enquanto passava diante dos corredores ou das paredes, irmã Angèle. Ela sorria gentilmente. "Amanhã de manhã", disse ela, "será avaliado pelos médicos. Vi a senhora de Fréchède hoje, provavelmente o senhor partirá em dois ou três dias para Paris." Dei um salto na minha cama, meu rosto iluminou-se, gostaria de poder pular e cantar; nunca fui tão feliz. Amanhece, visto-me e, inquieto, entretanto, dirijo-me para a sala onde acontece uma reunião de oficiais e de médicos.

Um a um, os soldados expunham troncos encovados de buracos ou ornados de pelos. O general roía uma unha, o coronel da gendarmaria abanava-se com um papel, os médicos conversavam apalpando os homens. Finalmente chega a minha vez: examinam-me dos pés à cabeça, tapeiam minha barriga que está inchada e inflada como um balão, e, com a unanimidade dos votos, o conselho concede-me uma licença de convalescência de sessenta dias. Enfim vou rever minha mãe! Encontrar meus bibelôs, meus livros! Não sinto mais aquele ferro vermelho que me queimava as entranhas, pulo como um cabrito!

Anuncio à minha família as boas novas. Minha mãe escreve-me cartas e mais cartas, e surpreende-se por eu não chegar. Infelizmente, minha licença deve ser validada pela Divisão de Rouen! Ela retorna cinco dias depois; está conforme as regras; vou encontrar irmã Angèle, eu lhe rogo para que obtenha, antes da hora fixada para minha partida, uma permissão de saída a fim de agradecer aos de Fréchède que foram tão bons para mim. Ela encontra o diretor e traz-me a permissão; corro até a casa dessa brava gente, que me forçam a aceitar um lenço e cinquenta francos para a estrada; vou buscar meu documento na Intendência, entro no hospital, não tenho mais co que alguns minutos. Saio à procura de irmã Angèle, encontro-a no jardim e digo-lhe, bastante emocionado:

“Ô, querida irmã, estou partindo; como poderia desculpar-me com a senhora?”

Pego sua mão, que ela teima em soltar, e conduzo-a aos meus lábios. Ela fica vermelha. “Adeus!”, murmura ela, e ameaçando com o dedo, acrescenta alegremente: “Comporte-se e, sobretudo, não tenha encontros impróprios na estrada!”.

“Oh! Não tema nada, querida freira, prometo-lhe!” O relógio toca, a porta abre-se, vou até a estação, entro no vagão, o trem põe-se em marcha, deixei Évreux.

A metade do vagão está completa, mas felizmente ocupo um dos cantos. Enfio o nariz na janela, vejo algumas árvores podadas, alguns cumes de colinas que serpenteiam ao longe e uma ponte sobre um grande pântano que cintila ao sol como um pedaço de vidro. Isso tudo não é muito alegre. Afundo-me no meu canto, olhando às vezes os fios do telégrafo que regulam o além-mar com suas linhas pretas; quando o trem para, descem os viajantes que me rodeiam, a porta é fechada, em seguida abrem-na de novo e dá passagem a uma moça.

Enquanto ela se senta e desamarrota seu vestido, entrevejo seu rosto sob a revoada do véu. Ela é encantadora, com seus olhos cheios de azul do céu, seus lábios pintados de púrpura, seus dentes brancos, seus cabelos cor de milho maduro.

Início uma conversa; ela se chama Reine e borda flores: conversamos como amigos. De repente, ela fica pálida e vai desmaiar; abro as lucarnas, estendo-lhe um frasco de amoníaco que carreguei, por via das dúvidas, quando da minha saída de Paris; ela me agradece, diz que não há de ser nada e apoia-se em minha mochila para tentar dormir. Felizmente estamos sozinhos no compartimento, mas a divisória de madeira que separa, em partes iguais, a carroceria do vagão, eleva-se somente pela metade, e veem-se, mas, sobretudo, ouvem-se os clamores e as gargalhadas dos camponeses e

das camponesas. Teria batido neles com prazer, aqueles imbecis que incomodavam seu sono! Contentei-me em escutar suas medíocres opiniões sobre política. Fico farto rapidamente; tapo meus ouvidos; tento dormir também; mas a frase dita pelo chefe da última estação: "Os senhores não chegarão a Paris, a via está interrompida em Mantes", ressurgue em todos meus pensamentos como um refrão recorrente. Abro os olhos, minha vizinha também acorda; não quero transmitir meus temores a ela: conversamos em voz baixa, fico sabendo que vai encontrar a mãe em Sèvres. "Mas", digo-lhe, "o trem não entrará em Paris antes das onze horas da noite, a senhorita não terá tempo de alcançar a plataforma da margem esquerda."

- Como faço, diz ela, se meu irmão não estiver lá na minha chegada?

Ô miséria, estou sujo como um porco e minha barriga está ardendo! Não pensar em levá-la para minha *garçonnière*, porque quero, antes de tudo, ir à casa da minha mãe. O que fazer? Observo Reine com angústia, tomo sua mão; naquele momento, o trem muda de via, o solavanco joga-a para frente, nossos lábios ficam próximos, eles se tocam, encosto os meus rapidamente, ela fica vermelha. Deus do céu! Sua boca mexe-se imperceptivelmente, ela me corresponde; um longo arrepio percorre minha espinha, ao contato dessas brasas ardentes, parece que vou desfalecer: Ah! Irmã Angèle, irmã Angèle, não se pode nascer de novo!

O trem ruge e anda sem diminuir sua marcha, corremos a todo vapor sobre Mantes; meus temores são vãos, a via está livre. Reine semicerra os olhos, repousa sua cabeça sobre meu ombro, seus cachinhos entremeiam-se com minha barba e fazem-me cócegas nos lábios, seguro sua cintura que cede e eu a embalo. Paris não está longe, passamos diante as docas de mercadorias, diante das casas de máquinas onde murmuram, em um vapor vermelho, as locomotivas em aquecimento; o trem para, pegamos as passagens. Tudo está bem pensado, conduzirei, primeiro, Reine até minha *garçonnière*. Tomara que seu irmão não a aguarde na chegada! Descemos dos vagões, e lá está ele. Em cinco dias, me diz ela, em um beijo, e o belo pássaro voa! Cinco dias depois, estava na minha cama horrivelmente doente, e os prussianos ocupavam Sèvres. Depois disso, nunca mais a reví.

Estou com o coração na mão, solto um grande suspiro; não é, contudo, o momento para ficar triste! Ando aos solavancos em um fiacre, reconheço meu bairro, chego à casa de minha mãe, escalo os degraus, quatro a quatro, toco precipitadamente, a criada abre. É o senhor! E ela corre para avisar minha mãe que vem ao meu encontro,

fica pálida, abraça-me, olha-me dos pés à cabeça, afasta-se um pouco, olha-me novamente e abraça-me mais uma vez. Nesse meio tempo, a criada esvazicou o bufê. “Deve estar com fome, senhor Eugène?”. Acho que estou com muita fome! Devoro tudo o que me oferecem, engulo grandes taças de vinho; para falar a verdade, nem sei o que estou comendo e bebendo! Retorno, enfim, a minha casa para deitar-me! - Encontro meu apartamento tal como o deixei. Atravesso-o, radiante, depois, sento no divã e fico ali, extasiado, embevecido, enchendo os olhos com a visão dos meus bibelôs e dos meus livros. Contudo, tiro a roupa, limpo-me com água abundante, pensando que, pela primeira vez após meses, vou deitar em uma cama limpa com pés brancos e unhas feitas. Pulo sobre o estrado que balança, enfio a cabeça nas penas, meus olhos fecham-se, entro de vento em popa no país do sonho.

Acho que vejo Francis acendendo seu vasto cachimbo de madeira, irmã Angèle encarando-me com seu beicinho e depois Reine dirigindo-se a mim; acordo sobressaltado, chamo-me de imbecil e enfio-me nos travesseiros, mas as dores das entranhas, dominadas por um momento, acordam-se agora que os nervos estão menos tensos, e esfrego lentamente a barriga, pensando que todo o horror da disenteria arrastada por lugares onde todo mundo evacua, sem pudor, junto, não existe mais! Estou em casa, no toalete que é meu! E digo a mim mesmo que é preciso ter vivido na promiscuidade dos hospitais e dos campos para apreciar o valor de um lavatório, para saborear a solidão dos lugares onde podemos abaixar as calças à vontade.

